DOI: 10.5585/EccoS.n32.4289

Representações Utópicas no Ensino de História, de Antônio Simplício de Almeida Neto

São Paulo: Unifesp, 2011.

Lúcia Yara Farias
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Nove de Julho – PPGE/Uninove.

Bacharelado em história e mestre e doutor em educação pela Universidade de São Paulo, Antônio Simplício de Almeida Neto especializou-se nos estudos de ensino de história e história da educação, atuando principalmente com temas como ensino de história, formação de professores, educação e ensino, história, memória, representação e cultura escolar.

Em seu mais recente livro, *Representações Utópicas no Ensino de História*, o autor discute, de modo geral, as questões utópicas existentes no ato de ensinar e o discurso político de que lançam mão os professores da disciplina ao criarem representações históricas. Dessa relação, segundo o autor, nasce um diálogo entre saber histórico, representações e utopia, tudo devidamente inserido e concretizado na e pela prática docente.

Baseado em entrevistas com dois grupos de professoras – um que teria lecionado entre os anos de 1960 e 1970 e outro, entre os anos de 1980 e 1990 –, o procedimento metodológico escolhido nos chama, de início, a atenção, ao se concentrar no campo da *história oral*, num processo que envolve representações do presente e do passado, resultando, assim, num amplo movimento de ressignificação da própria história das entrevistadas. Dessa forma, o autor constrói sua pesquisa traçando algumas reflexões sobre a memória e história e a crise da utopia na educação a partir da atuação docente num período histórico marcado por intensa agitação política e ideológica e, por que não dizê-lo, *utópica*.

As categorias – que servem como pontos de discussão levantados pelo autor – são *utopia*, *representação* e *memória*.

Sobre a primeira, o autor destaca a ideia de utopia como um convite à ação, de quem as ciências sociais seriam uma espécie de anfitriã, ao dizer que, particularmente no ensino de história, pelas características dessa disciplina, a questão da utopia não poderia aparecer de modo diferente, revelando-se de permeio às "[...] possíveis reconstruções do passado e a

consequente desorganização das construções em que se assenta o presente" (p. 31). Em seguida, delimita a utopia no contexto da crise da modernidade, que confronta os ideais utópicos apregoados pela história, afirmando que, dessa forma, os princípios fundantes da educação, da escola e do ensino são colocados sob suspeição. E, finalmente, conclui seu pensamento explicitando que o que é realmente relevante não é a projeção futura da utopia, mas seu potencial em resgatar as ausências do presente, dando voz aos silenciados, mantendo vivo o próprio pensamento utópico de um passado ativo: é neste momento que a utopia cruza com o ato pedagógico.

Em relação à segunda categoria, a das representações, o autor questiona justamente as representações criadas por professoras que viveram um momento de intenso ativismo político educacional. O objetivo é traçar a dimensão utópica dessas professoras na época em que atuavam e quais eram suas representações sobre o ensino de história, suas possibilidades, permanência, percepções, devaneios. A ideia de uma representação do presente projetada sobre o futuro.

Neste ponto, em particular, o autor se defronta com a terceira categoria aqui explicitada: o conceito de memória, vinculado ao de história oral e suas especificidades. Por ter como suporte a própria memória do indivíduo, seu conteúdo se torna seletivo e, portanto, questionável; outro fator que se soma a esse é o de que a fala trazida pela memória se apresenta como uma reconstrução de fatos, reinterpretados pelo distanciamento causado pelo tempo e passado por uma reavaliação dos acontecimentos. Dessa maneira, o relato narrado pelo entrevistado não é mais aquele que foi vivido, mas, sim, aquele que sua memória recriou.

Assim, a subjetividade do relato oral não pode ser ignorada. Segundo o autor,

> […] o tratamento dado à construção da memória, via relato oral, requer que pensemos nas ambiguidades envolvidas no processo, tais como ansiar por maior objetividade num terreno sabidamente povoado de subjetividades (p. 57).

Trata-se de um entendimento não apenas do que foi feito; mas do que julgavam estar fazendo, e de como pensam, hoje, que atuaram no passado.

Nos capítulos que compõem o livro, Antônio Simplício discute, por meio das entrevistas, as representações que as professoras têm sobre a história enquanto disciplina e saber científico, noções de documentos e recursos históricos, referências intelectuais relevantes para sua formação e sua própria vivência escolar: cotidiano, qualidade de ensino, relação com os alunos, intenções pedagógicas que mantêm com a história.

Por fim, analisa a questão da utopia, ligando-a aos temas do conservadorismo, da transformação, da ruptura e da conscientização, para concluir que a utopia que permeia o ensino de história para essas professoras – hoje aposentadas – não é propriamente o ensino crítico, ativo, mas a representação e a crença de realizar uma prática militante. O importante para as professoras pesquisadas – conclui o autor – é sentirem-se um agente transformador, cumpridor de seu papel, promovendo o ensino crítico por meio do ensino de história. A utopia se mostra, assim, como a tentativa de redimensionamento da disciplina história; de retomada da satisfação de um tempo considerado "bom", em que alunos "interessados" podiam formar-se criticamente. A representação utópica, desse modo, projeta no futuro aquilo que se acreditou viver no passado, podendo trazer um ideal de conservação e de manutenção contrário aos seus propósitos de superação e formação crítica.

Trata-se, portanto, de um livro que faz uma importante discussão no campo das representações e ensino de história, cabendo, contudo, a ressalva de que se trata de um livro direcionado a um público específico – historiadores e professores de história –, os quais poderão identificar-se em sua prática cotidiana com os questionamentos propostos pelo autor e que ainda hoje perseguem aqueles que se propõem a ensinar história.